

Euclides da Cunha e a Engenharia

(Palestra proferida pelo Dr. Leônidas Justus, na Semana Euclidiana)

Ao ser incumbido — pelo ilustre Presidente do Centro Cultural "Euclides da Cunha" — desta honrosa tarefa, qual a de participar da Semana Euclideaniana, confesso que hesitei. Hesitei, a princípio, sabedor que sou, do degrau que verdadeiramente me corresponde, na interminável rampa do conhecimento humano; hesitei, ainda, ao considerar a farta e variada bibliografia existente em torno do imortal autor de "Os Sertões". Nenhum ângulo, nenhuma faceta, nenhum pormenor, enfim, da sua agigantada personalidade, lhe pouparam os seus mais fervorosos admiradores.

Há, evidentemente, entre as inúmeras publicações sobre Euclides da Cunha, muita repetição, muita opinião falsa ou sem nenhum valor para os pôsteros. O certo é que, poucos foram os nossos homens de pensamento, que lograram tão abundante documentação biográfica.

Que direi, pois, de novo, quando críticos de nomeada, dissecando a sua vida e a sua obra, o elevaram, por unanimidade, às culminâncias imorredouras da glória?

Que se ha de acrescentar de inédito, deante dos trabalhos de um Elio Pontes, de um Alberto Rangel, de um Francisco Venâncio Filho, de um José Veríssimo, de um Afrânio Peixoto ou de um Silvio Rabelo? Confesso que teria abandonado tal empreitada, não fôra o convite amável do Dr. Faris Michalele e a profunda admiração pelo nosso patrono.

Encarregado que estou desta missão, tentarei cumprí-la, outra coisa não fazendo, deante dêste microfone, senão focalizar, em apanhado rápido do jornal cinematográfico, alguns aspectos da sua personalidade de engenheiro, certo de que outros já o fizeram com erudição e arte.

Euclides da Cunha foi, inegavelmente, um predestinado às letras, e talvez à engenharia.

Muito cedo, ainda no Colégio Aquino, publicou no jornalzinho — O Democrata — o seu primeiro artigo, aos dezoito anos de idade, uma "espécie de glorificação da natureza ameaçada pelas inovações progressistas do século". Revelou já, nesse primeiro ensaio literário, a sua incapacidade de adaptação à vida ruidosa e agitada dos grandes centros, incapacidade que haveria de ser um fator constante em tóda a sua tumultuária vida. Em 1897, portanto treze anos após a publicação do seu primeiro trabalho literário, comprovando a nossa afirmativa acima, assim se expressa, a certa altura, em carta dirigida a João Luiz Alves: "Não sei quando realizarei o ideal de viver na roça, numa cidade pequena, com um círculo pequeno de amigos, estudando e trabalhando, sendo mais útil à nossa terra.

Seja por essa incapacidade de adaptação aos grandes centros, revelada em carta a João Luiz Alves; seja por influência de Benjamin Constant, seu grande mestre de Matemática no Colégio Aquino e posteriormente da Escola Militar; seja por indução do seu próprio pai que, possivelmente descobrindo no filho pendores para a Matemática, pretendesse encaminhá-lo a uma profissão rendosa e de grande futuro; seja por inspiração, ainda do seu velho pai, com a intenção única de sufocar no filho a sua veia de poeta, na certeza, do triste destino, entre nós, dos que querem viver da arte para a arte, o certo é que, em 1884, a Matemática, mais do que qualquer outra disciplina, mereceu do jovem Euclides a mais carinhosa atenção.

Os seus devaneios de poeta enamorado foram perturbados, dias sem fim, pelos logarítmicos, pela teoria dos determinantes, pela análise combinatória, pelas equações algébricas, pelas derivadas, pelos assuntos, enfim, de um extenso programa de exame. É que ele ia enfrentar o famoso exame vestibular da Escola Politécnica, a fim de abraçar, não sem hesitação, a profissão de engenheiro.

Assim que terminou o curso, iniciou suas atividades profissionais, em 1893, como praticante na "Estrada de Ferro Central do Brasil", trazendo de lá os conhe-

cimentos práticos indispensáveis a todo engenheiro recém-formado.

Passou-se, em seguida, para o Departamento de Obras Públicas do Estado de São Paulo, onde trabalhou, durante vários anos, como engenheiro fiscal. Data dessa época a sua desilusão pela engenharia, tão diferente se lhe deparou daquela que sonhava quando estudante, tão diferente e tão aquém dos seus conhecimentos técnicos, do seu idealismo e da sua capacidade intelectual. E não era sem razão. Chumbado, quasi que por tóda a vida, às funções ingratas de engenheiro do Dep. de Obras Públicas de São Paulo, nunca se lhe apresentou a oportunidade de realizar a verdadeira e dignificante engenharia, ou seja, no seu próprio dizer "aquela que corrige e aperfeioa a natureza". Ao contrário, limitou-se, não poucas vezes, às funções de um simples fiscal de obras, de um demarcador de terras, de um cartógrafo ou de um elaborador de orçamentos.

Vejamos, o que a propósito nos revela, o próprio e torturado Euclides, através de cartas que dirigiu aos amigos. Escrevendo ao pai, certa vez, referia-se à sua "engenharia precipitada", à sua "engenharia ingrata e trabalhosa". A Escobar assim se expressou: "Estou esmagado de ofícios e requerimentos."

De outra vez, a Lúcio de Mendonça, falava da sua "engenharia rude, andante, romanesca e estéril". A José Veríssimo, da sua "triste situação de engenheiro". A Machado de Assis, da sua "vida fatigada e errante". A Max Fleiss, do seu "triste ofício de engenheiro". A Vicente de Carvalho, da sua "pobre engenharia". A Coelho Neto, da sua "engenharia a reta-lho".

Outras vezes, porém, mais conformado com a profissão, confessava-se quasi adaptado a ela. É o que nos revela o seguinte trecho de uma carta dirigida a Coelho Neto: "Gracas à minha rigidez nativa de caco, continuo bem nos steeple-chases desta profissão errante".

Lutou, ainda — para maior desdita da sua vida — com a triste situação de funcionário mal remunerado. É o que se depreende do seguinte relato a Vicente de Carvalho: "Doloroso é isto: tenho doze anos de carreira fatigante, abnegada, honestíssima, elogiada, traçada retilinamente; passei-os como um asceta, com a máxima parcimônia, sem uma hora de festa dispensiosa, e chego ao fim desta reta tão firme, inteiramente desaparelhado!"

Não é, contudo, sem um resquício de orgulho pela nobre profissão de engenheiro, que, ao prefaciar o livro "Poemas e Canções", de Vicente de Carvalho, a certa altura, assim escreve: "antes dos versos do poeta a prosa do engenheiro".

No ano de 1898, eis que surge, modificando o aspecto monótono da sua vida de engenheiro, uma surpreendente variante — a reconstrução da ponte metálica de São José do Rio Pardo.

Há muito tempo desejava Euclides se fixar em uma cidadelinha do interior, onde pudesse — no aconchego do lar — escrever, ler e meditar.

E esse desejo um dia se concretizou. Euclides, então radiante e satisfeito, segue para a cidadelinha referida, em companhia da sua família, acalentando, já em viagem, a idéia de concluir o seu primeiro livro, "Os Sertões".

Três longos anos residiu Euclides em São José do Rio Pardo — os melhores por certo, de sua vida — e durante todo esse tempo, escrevendo sem cessar, pôde colocar o ponto final no famoso manuscrito.

Uma casinha de sarro bruto coberta com zinco, mandada por ele construir, sob uma paineira, próximo à ponte a ser desmantelada, serviu, durante os três anos de labor constante, de escritório técnico e de gabinete de trabalho.

Diz Venâncio Filho, que para o desmonte, peça por peça, da derreada ponte, foi preciso que se cortassem, a frio, mais de oito mil rebites. Enquanto isso, Euclides, em meio à desordem sempre reinante em sua barraquinha, traçou o diagrama dos momentos fletores, das fôrças cortantes ou calcula o dimensionamento das secções, ao mesmo tempo que escreve. Segue-se, depois, a reconstrução, e Euclides,

agora mais entusiasmado com a profissão — dada a grandiosidade da obra — continua escrevendo, escrevendo sempre. Tal atividade literária nos é relatada por Francisco Escobar, seu inesquecível amigo de São José do Rio Pardo.

São José do Rio Pardo haveria de ficar indelével — para todo o sempre — na memória de Euclides; bem assim, os amigos que lá conquistou, e sobretudo, a ponte que reconstruiu. As longínquas da ponte do Rio Pardo, por certo, estariam presentes, ao seu coração, ao alinhavar estas frases:

"Pelas vigas metálicas de nossas pontes, friamente calculadas, estiram-se as curvas dos momentos, que nos embramidam as fragilidades traçoeiras do ferro. E ninguém as vê porque são ideais. Calculadas, medimos-las; desenhamo-las — e não existem".

Euclides da Cunha, infelizmente, não pôde realizar a sua grande obra de engenharia, a obra condizente com a sua cultura, com o seu senso de responsabilidade de fora do comum, com a sua abnegação; com o seu patriotismo, com a sua honestidade e, sobretudo, com o seu preparo técnico. Mas, quia efazer, se assim quis o destino?

Contudo, as qualidades inaproveitadas de engenheiro, do grande engenheiro que poderia ter sido, ressaltam em capítulos magistrais no seu livro "Contrastes e Confrontos". Quem ler — "Plano de uma Cruzada" — verá a sua forte inclinação pela engenharia socializada, pela engenharia a serviço da coletividade. Nesse artigo, delinea Euclides, os planos para a solução do nosso magno problema social — das sécas.

Eis o que textualmente nos diz:

"Não há mais elevada missão à nossa engenharia. Sómente ela, ao cabo de uma longa tarefa, poderá delinear o plano estratégico desta campanha formidável contra o deserto."

"Então, poderão concorrer, recíprocas nas suas influências variáveis, os vários recursos que em geral se sugerem isolados: a acudada largamente disseminada, já pelo abarrear dos vales apropriados; já pela reconstrução dos laços de montanhas que a erosão secular das torrentes escanciou em boqueirões, o que vale por uma restauração parcial da terra; a arborização em vasta escala com os tipos vegetais que, a exemplo do joazeiro, mas se afeiçoam à rudeza climática das paragens, as estradas de ferro de traçados adrede dispostos ao deslocamento rápido das gentes flageladas, os povos artesianos, nos pontos em que a estrutura granítica do solo não apresentar dificuldades insuperáveis; e até mesmo uma

provável derivação das águas do São Francisco, para os tributários superiores do Jaguaripe e, do Piauhy, levando permanentemente à natureza torturada do norte os alegres e a vida da natureza maravilhosa do sul"...

"É, por certo, um programa estonteador; mas único, improrrogável, urgente". E assim transcrevemos uma página de extrema beleza literária e de ampla visão científica.

A viagem à Amazonia constitue, na opinião abalizada dos seus biógrafos, a sua maior obra de engenheiro. Como chefe, por parte do Brasil, da comissão mista brasileiro-peruana, fez o levantamento do rio Purús, fixando, definitivamente — num arrojado trabalho de geodésia — as suas longínquas nascentes. De lá trouxe conhecimentos e material suficiente para a elaboração do seu projetado livro "Um Paraíso Perdido". Mas, dêste, deixou apenas algumas páginas sobre os aspectos da vida amazônica, páginas que ficaram, para sempre, inacabadas.

Rematando esta descolorida palestra, forçoso nos é convir que a sua obra de engenheiro, se não valeu pela grandiosidade, ao menos ajudou a edificar à literatura.

Despidos da profissão que tanto detestou, mas que lhe assegurou, até a morte, o pão de cada dia, por certo não seria, hoje, o que é — o escritor lido e consagrado em vários países do mundo. Porque Euclides, mais do que qualquer outro escritor, necessitou, sempre, de algo que ferisse a sua sensibilidade de artista — do Fato, como ele costumava dizer — para então, em rasgos de prosador ciclópico, traçar aquelas páginas fulgurantes que todos admiramos extasiados.

Ao lado do impressionante flagelo do nordeste, nos legou, por exemplo, a immortal descrição das sécas. E essa oportunidade de colher — in loco — a realidade emocionante dos fatos, prende-se, em grande parte, à sua função de engenheiro.

Por aí se vê, que a engenharia, ainda que na sua mais rotineira forma, qual a experimentalada por Euclides, não foi, para este, totalmente ingrata, estéril ou inútil, já por lhe proporcionar a oportunidade das viagens; já por lhe fornecer os conhecimentos científicos, indispensáveis, à elaboração da sua monumental obra sóbre Canudos.

Quanto ao seu projetado livro — "Um paraíso perdido" — focalizando aspectos físicos e sociológicos da Amazônia, provavelmente teria vindo ao prelo, se, na manhã chuvosa de 15 de agosto de 1909 não se imobilizasse — para sempre — a pena brilhante daquele que, baleado miseravelmente, morria para se imortalizar.